



AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO

*«Ao serviço da Rainha do mundo»
definindo a sua posição:*

— *«Gostosamente concedo que haja quem me supere em talentos, erudição, personalidade, e em tudo o resto, mas não consentirei que alguém me vença no respeito, confiança e amor para com a Mãe de Deus».*

*(S. João Eudes, Apóstolo do Coração
Imaculado de Maria)*

«AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO»

Publicação orientadora do «Movimento dos apóstolos do Coração Imaculado de Maria para a difusão da mensagem de Fátima»

ANO VII -- N.º 28 -- JANEIRO-FEVEREIRO DE 1962

Sumário

| | |
|---------------------------------|----|
| Coração de Maria | 1 |
| Tua Vida Divina | 2 |
| Rezemos com o Papa | 11 |
| Vida de Maria | 12 |
| Caminhos de Luz | 16 |
| A propósito do Concílio | 18 |
| Graças da Rainha do Mundo | 21 |
| Nas pegadas dos mártires | 23 |

Publica-se 6 vezes por ano, com aprovação eclesiástica. Destina-se particularmente aos membros inscritos no Movimento.

DIRECTOR

P. JOSÉ ALVES

SECRETÁRIOS

Secção feminina :

Dr.^a Carolina Augusta Perez Brandão

Rua Bocage, 59, 1.º — Lisboa

Secção masculina :

Dr. Manuel Vitorino Rodrigues Teixeira

Rua dos Ferreiros à Estrela, 44 - 1.º

Lisboa

ADMINISTRADORA

D. Maria da Conceição Rodrigues

Rua Viriato, 16, 1.º — Lisboa 1

«Tudo pela grandíssima glória do nosso Pai Celeste em Jesus Cristo Nosso Senhor, por seu Divino Espírito e em união com o Santíssimo Coração de Maria»
(V. P. Libermann)

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

O CORAÇÃO DE MARIA CONSOLADOR DOS AFLITOS

O coração de uma mãe, por mais vulgar que ela seja, é sempre bela e preciosa maravilha.

Todos os lirismos, em todas as línguas, se têm esforçado por celebrar-lhe a grandeza.

Citaremos, a título de ilustração, a generosa e penetrante tirada de Victor Hugo, no primeiro acto de «Ângelo»:

«Sabes o que é ter mãe? Também tiveste uma? Sabes o que é ser pequeno, pobre, criança, fraco, nu, miserável, ter fome, ser sòzinho no mundo, e sentir, ao pé de nós, à volta de nós, envolvendo-nos, andando, quando andamos, parando, quando paramos, sorrindo, quando choramos, uma mulher... não, não se sabe ainda se é uma mulher, — um anjo sempre presente, que não desvia de nós os olhares, que nos ensina a andar, que nos ensina a ler, que nos ensina a amar, que acalenta as nossas mãos nas suas mãos, o nosso corpo no seu regaço, a nossa alma no seu coração, que nos dá o seu leite, quando somos pequeninos, o seu pão, quando somos maiores, a sua vida por toda a vida! A quem nós dizemos: «minha mãe»; e que nos responde: «meu filho», de uma maneira tão terna, que essas duas palavras alegam o coração de Deus!».

Lemos num autor inglês a história duma pobre mulher que tenta o impossível para salvar, contra tudo e contra todos, os restos mortais de seu filho condenado à morte por ladrão e assassino, e enterrado fora de sagrado.

A mãe recolheu-lhe os ossos. E explica: «A carne da minha carne desaparecera, mas restavam os ossos dos meus ossos. Roubei-os todos aos homens da justiça. Dizei, chamareis a isto um roubo? Meu filho! Os ossos daquele que me bebeu o leite; os ossos daquele que eu vi rir e chorar! Haviam de ficar para eles? Não; eram meus e não eram deles! Senti-os mexer no meu seio!». E conta como o filho, ao ir para o suplício, lhe gritara: «Mãe! Mãe!». Esta voz, podiam passar mil anos sobre ela, que a pobre

a ouviria sempre. E agora, que o filho já estava em terra sagrada, tinha confiança na bondade do Senhor. Deus teria em conta o seu longo e doloroso penar...

Igualmente edificante esta história polaca: «Uma mulher caiu em profunda letargia e seu filho mandou chamar os médicos.

Tratá-la-ei, pelo método Brown, disse um; e os outros: — «Antes vê-la morta, do que tratada, pelo método Brown!» «Tratá-la-ei, pelo método Hahnemann», disse o segundo; e os outros: — «Mais lhe vale morrer, do que ser tratada pelo método Hahnemann!» E assim por diante. Então o filho, desesperado, gritou: «Minha mãe!» A esta voz do filho, a mulher veio a si e ficou curada.

Não menos expressivo é o exemplo, este de amor filial e maternal, que os anais japoneses nos apontam. Uma mulher ficou viúva, com três filhos. O sustento desta família vinha, unicamente, do trabalho da mãe que, por vezes, não produzia o necessário. O espectáculo duma mãe que adoravam, vítima da miséria, levou aqueles filhos a tomar a mais estranha resolução.

A imprensa havia publicado recentemente a notícia de que era procurado um famoso ladrão de documentos oficiais, sendo prometida uma quantia avultada, a quem o entregasse. Os três irmãos combinaram, entre si, que um representaria aquele ladrão e os outros dois levá-lo-iam à presença da autoridade.

Deitaram sortes, para saber qual deles seria a vítima do amor filial. Caiu no mais novo que se deixou prender e conduzir, como um criminoso. O juiz interroga-o e ele responde que roubou. Foi lançado na prisão, enquanto os outros dois recebiam a quantia prometida. Porém, o seu coração enterneceu-se, ao pensarem no perigo que o irmão corria. Acharam meio de entrar na prisão e, julgando que ninguém os via, abraçaram enternecidamente o seu irmão mais novo, cobrindo-o de lágrimas. O juiz que, casualmente, os viu, ficou surpreendido com espectáculo tão inédito. Ordenou imediatamente a um agente que seguisse aqueles dois delatores, recomendando-lhe que os não perdesse de vista e que não regressasse sem que esclarecesse feito tão singular. O agente assim fez e declarou que vira os dois rapazes entrarem numa casa e, tendo-se aproximado, ouvira-os contar a sua mãe o que acabámos de dizer. E que a pobre mulher, ao ouvir o que os filhos lhe contaram, começou a lamentar-se em altos gritos, ordenando aos filhos que

fossem entregar o dinheiro a quem lho tinha dado, dizendo que preferia morrer de fome do que viver à custa da liberdade de seu querido filho. O magistrado estupefacto, com tal procedimento, de piedade filial, ordenou que o prisioneiro viesse imediatamente à sua presença e interrogou-o, novamente, sobre os seus pretensos roubos, ameaçando-o, com o mais cruel suplício. Mas o jovem, dominado totalmente pela ternura para com a mãe, não mudou de atitudes. «Isto é demais, diz o magistrado! Bom rapaz, o teu procedimento espanta-me!» E foi imediatamente relatar o facto ao imperador que ficou encantado com um amor filial tão heróico. Quis ver os três irmãos que cumulou de benesses, concedendo a cada um uma pensão vitalícia, sendo a do mais novo mais avultada.

Poder do filho sobre a mãe; incansável acção da mãe sobre o filho, acção que nada abala, que nada enfraquece, nem mesmo a ingratidão mais negra do mais ingrato dos filhos.

Se todo o coração de mãe é um abismo de indulgência e de bondade, o que não será o de Maria!

É soberana a sua influência, no reino da misericórdia. Deus deve-se a si mesmo o ser tão justo como bom; Maria não tem necessidade nenhuma de ser justa; basta-lhe ser boa.

Onde quer que haja um desgraçado a socorrer, intervém Ela. Não é preciso ter títulos, nem recomendações, para alguém se apresentar na sua presença. Pelo contrário, quanto menos títulos, mais indulgente Ela é; quanto menos merecimentos, mais Ela faz valer a misericórdia. A fronte inclinada para terra, as mãos cheias de graças, assim se nos apresenta Maria.

Os habitantes de Valência de Espanha veneram uma imagem de Nossa Senhora, com o nome de «Virgen de los desamparados». E chamam-lhe familiarmente «**La gobba**», a corcunda, de tal modo a Virgem tomou o costume de se inclinar para os mortais. Antigamente era permitido, aos condenados à morte, fazerem diante dela a sua última oração. Um dia, quando um infeliz, antes de ser supliciado, se foi prostrar a seus pés, a Senhora deu cinco pancadinhas na redoma de vidro que a envolvia; o pobre estava inocente e, como tal, foi reconhecido e absolvido.

Sob o pórtico da parte baixa da Sainte Chapelle de Paris, venera-se uma imagem de Nossa Senhora, com o rosto inclinado para

a terra. Conta piedosa tradição, que uma rapariguinha quis pôr-lhe na cabeça, uma coroa de flores. A Senhora abaixou-se e, assim, se ficou naquela posição, a qual, pelos vistos, não lhe desagradava.

O conhecido exemplo do estatuário não manifesta também, a seu modo, como até o granito duro pode cantar a misericórdia de Maria? Um escultor trabalhava nos andaimes duma catedral; inclinou-se muito para trás, perdeu o equilíbrio e caiu. Felizmente uma estátua de pedra de Nossa Senhora que se encontrava na passagem, estendeu-lhe os braços e recolheu o descuidado artífice.

É crença popular que Maria não pode recusar nada que se lhe peça. Péguay vai a pé, de Paris até Chartres, para obter da Senhora desta cidade, a cura de um filho; é atendido. Seria capaz de imitar aquela famosa mulher da «Lenda Dourada», que pedia à Virgem Santíssima que lhe livrasse o filho prisioneiro. Mas o filho não vinha. Então ela não hesita: vai-se a uma estátua de Nossa Senhora e tira-lhe o Menino dos braços, dizendo: «Meu filho foi-me roubado e Tu não mo queres restituir, pois levo o teu, e só to darei, quando o meu tiver vindo». E acrescenta a história que Nossa Senhora, o melhor que teve a fazer, foi ir logo buscar o filho prisioneiro e trazê-lo à mãe.

Que florilégio extenso não se poderia organizar, com a narração de todas as curas, de todas as graças temporais!

E Lourdes? E Fátima? Não constituem, por si só, dois testemunhos magníficos da bondade do Coração Imaculado de Maria?

Se o Coração de Maria é tão maternalmente bom, quando se trata de conceder favores temporais, quanto mais, ao tratar-se de dispensar graças sobrenaturais!

A arte tem-se comprazido, sempre, em representar Maria, no exercício da sua misericórdia. Por vezes, a cena reveste-se duma ingenuidade encantadora, como por exemplo, numa pintura do museu de Montefalco, perto de Foligno, na Itália, em que se vê Maria, munida duma grossa clava, forçando um diabo muito grande e muito negro, com chifres, com tridente e pés revirados, a largar uma criancinha que se lhe refugia no regaço; do outro lado do demónio, uma mulher, sem dúvida, a mãe da criança, reza de mãos postas. Nalguns quadros, em redor da Virgem protectora, vêem-se apenas raros figurantes, felizes privilegiados,

amigos do pintor, ou membros de uma confraria; outras vezes, é uma cidade inteira que reclama o patrocínio de Maria. Para acentuar mais ainda a acolhedora e maternal bondade do Coração da doce Virgem Maria, muitos artistas a representam, com um manto largo, aberto e cobrindo com ele os pecadores, em geral, ou determinada família, em particular. Aqui são os anjos que sustentam as pontas do rodado véu, enquanto protectores poderosos levam o povo a prostrar-se confiado, as pés de Maria; acolá vêem-se as setas atiradas, por um Deus irritado, irem quebrar-se de encontro ao manto virginal.

Como Ela é, na verdade a Senhora do Perpétuo Socorro!

Maria é, igualmente, a potência suplicante. A atitude de quem implora é de joelhos, e é assim que Maria está representada nos pórticos de muitas catedrais, nos vitrais de muitas igrejas, espalhadas pelo mundo. Mais eloquente, porém, que estas representações simbólicas, são os factos reais, tantos e tantos, e alguns tão edificantes!

Mas se esses factos, de ordem exterior, conseguem impressionar-nos, quantas graças, concedidas interiormente, sem que nada por fora as manifeste! Socorro nas tentações, ajuda nas dificuldades, auxílio múltiplo, nas diferentes circunstâncias difíceis em que a alma se encontra. Onde quer que seja preciso combater, ou contrabalançar a acção do demónio, lá está Maria.

Uma antiga imagem representa-a sentada, com o Filho sorrindo, ao lado. A Senhora tem o pé, sobre a cabeça da serpente, e o Menino Jesus tem o seu sobre o pé da Mãe, como para mostrar a harmonia do duplo esforço, em valer a todos os aflitos.

E se quiserem buscar as causas de uma tão eficaz intervenção de Maria, a nosso favor, a explicação encontra-se, nestas duas palavras: **poder, bondade.**

Ela pode tudo por nós, Ela quer para nós tudo o que pode.

Sem a bondade, de nada valeria o poder; sem o poder, a bondade de pouco nos aproveitaria.

Ora, Maria, felizmente para nós, possui estas duas vantagens, em grau muitíssimo elevado.

Como é que a Virgem não havia de ser poderosa, exclamava S. Boaventura, pois se Ela é Filha de Deus, Mãe de Deus, Esposa de Deus?

Filha de Deus. Quando o Altíssimo quis escolher uma mulher para lhe confiar o Seu Verbo, foi em Maria que pensou. E se lhe deu este tesouro, que tesouro poderá recusar-lhe agora? O tesouro divino era o Redentor. Como é que o Pai havia de recusar agora a Maria as graças da Redenção? De que serviria ter dado à terra um Salvador, se não fosse, para dar a salvação aos habitantes dessa terra? É impossível que Maria deixe de obter graças de salvação, sempre que as pede, para um filho seu resgatado?

Mãe do Filho. Só Ela pode dar ao Verbo Incarnado o tratamento que o Pai dava ao Verbo: «Meu Filho».

Aquelas palavras do salmo que só o Altíssimo podia articular, na vastidão dos céus, pode Maria repeti-las também, desde o presépio, se não, com o mesmo sentido, certamente, com a mesma verdade: «És meu filho! Hoje te gerei!»

E sendo este Filho quem é, como poderia negar, fosse o que fosse, a sua Mãe?

E não prometeu Ele ouvir quem quer que lhe pedisse graças de salvação? Se prometeu ouvir toda a gente, não havia de ouvir Sua própria Mãe?

Esposa do Espírito Santo. — Poderosa como o pai, poderosa como o Filho, é igualmente poderosa, como o Espírito Santo, pois é Sua Esposa.

Quando, na Anunciação, Maria opõe às promesas da maternidade futura, os seus compromissos de virgindade, logo o Anjo a tranquiliza: a Encarnação será efeito de uma intervenção puramente divina do Espírito de Amor, da Santidade Infinita. Desde esse dia Maria tornou-se a Esposa Imaculada do Espírito Santificador. E se vê aflita, na terra, a alma dum filho seu: «Veni, Sancte Spiritus», descei, ó Espírito Santo, vede aquela alma, em tamanha angústia!... Diz-se, no texto sagrado, que a oração do justo é toda poderosa, como Deus, quanto mais a de Maria, Filha, Mãe e Esposa sem mácula!

Mas de que serviria o poder, sem a bondade? Mas de que serviria intercessão tão valiosa da Senhora, junto de Deus, se o seu amor por nós, a não levasse a usar, continuamente, desse poder?

Maria é nossa Mãe, à custa de todas as dores do Seu Coração.

É-nos grato contemplá-la, à nossa Mãe amabilíssima, perpetuamente ocupada, lá no céu, a trabalhar, pela salvação dos seus

pobres filhos que ainda gemem, neste vale de lágrimas. De lá, cuida Ela de todos os seus «meninos», gerado no tempo das inenarráveis dores... Eis um desgraçado filho seu, em pecado mortal. Aproxima-se a sua hora derradeira e há perigo de morrer, naquele miserável estado. Então, Maria corre a lançar-se aos pés de Deus: «Pois quê! Senhor! Para salvar este infeliz, vede, dei todas as lágrimas dos meus olhos e todo o sangue do meu Jesus? E não valerá isso nada? Se ele se condena, o pobre filho, serão as minhas lágrimas para sempre perdidas, ficará o sangue do meu primogénito — e vosso! — inútil, para sempre!

Oh! Não! Compadecei-vos de mim! Compadecei-vos de nós!»

Como é que Deus terá ânimo, para resistir a uma súplica assim?

Um dia, vem lançar-se aos pés de David, uma pobre mulher de Técuá: «Ó rei, salva-me!» O rei pergunta-lhe: «Tu que tens?» — «Que tenho? Ah! Infeliz de mim! Sou uma pobre mãe e tinha dois filhos, questionaram os dois, lá no campo; um bateu no outro e matou-o. Toda a família se levanta, contra a tua serva, dizendo: «Entrega o matador de seu irmão. Há-de morrer também, pela vida que tirou ao irmão!» Assim, o primeiro morreu; e agora querem matar-me o segundo!

Maria argumenta da mesma sorte: «Senhor, eu tinha um primogénito. Seus irmãos mataram-No. Agora, se os meus outros filhos morrem, que me resta então?»

Diz a Escritura que David respondeu à mulher de Técuá: «Tão certo, como Jeová ser vivo, não cairá por terra um só cabelo de teu filho».

E Deus havia de ser menos clemente, que seu servo?

É tão grande a intercessão de Maria, que S. Pedro Damiano quer que Ela se chegue ao trono do Filho, não como serva, mas como soberana, como Mãe, não só para pedir, mas para exercer um affectuoso império que nunca fica sem resposta.

O abade de Gernic, discípulo de S. Bernardo, não se julga menos seguro, debaixo da protecção de Maria, do que se estivera já no céu. S. Anselmo julga impossível que alguém se perca, ao serviço desta grande Rainha, cujo Coração Imaculado é a consolação dos Aflitos.



JÁ deixaste para trás três dezenas do teu Rosário...

A primeira conta que os teus dedos agora afagam introduz-te no templo de Jerusalém.

O templo de Jerusalém!... quantas recordações, quantas imagens este nome evoca... Aquele edifício era o coração de Israel, o orgulho dos judeus. Era ali que habitava o Deus cuja majestade enche os céus e a terra. O Deus Vivo, a que nada se esconde, ocultara-se naquele lugar para comunicar com os homens e por eles ser adorado.

E ali estava agora o seu Filho. O Seu Filho Unigénito. Em carne. Estava ali apresentado por Sua Mãe, a jovem e Virgem Maria da Galileia, acompanhada de seu esposo José. A recebê-los tinham acorrido, pressurosos, o velho Simeão e a profetiza Ana.

Ali estavam as idades do mundo: ali estavam a infância, a juventude, a maturidade e a velhice; ali estavam o homem e a mulher — Simeão e Ana; ali estava o matrimónio e a virgindade, e o seu fruto — José, Maria, Jesus.

Porque estavam ali? Ali no templo? O que era aquela Apresentação?

O templo que abrigava e escondia o Deus Oculto era o sinal da Sua presença entre os homens. Mas esta presença era a preparação doutra, mais profunda. Este templo era a prefiguração doutro, mais verdadeiro — templo onde, finalmente, todos os homens se encontrariam com Deus e Deus com todos os homens.

Essa presença tinha chegado. Este templo estava ali. Era o filho de Maria, apresentado pela Mãe. Era o Filho de Deus apresentado pelo Pai Celeste.

Agora, as idades do mundo, os séculos velhinhos sabiam porque tinham existido; «podiam partir em paz»: acabava de nascer a Luz dos Povos. A profecia encontrava, por fim, o seu sentido e podia ver com os seus olhos Aquele que, misteriosa e veladamente, falava nos seus oráculos. As mães ficavam a saber porque escolheu Deus o seu corpo para templo da sua obra-prima: a criação do homem. Ao mesmo tempo florescia a mais bela flor que os homens podem oferecer a Deus: a virgindade.

Eis o mistério da Apresentação! O mistério em que Deus faz do corpo do homem o seu templo. O mistério em que Deus escolhe o corpo do homem para se tornar presente ao mundo.

Por isso estavam ali o Homem e a Mulher, a Memória e a Profecia, as Idades do Mundo. Tudo presente a Deus e Deus presente a todos no templo do Seu Corpo; fazendo de todos o Seu Corpo Místico onde recebe toda a honra e louvor e derrama toda a graça...

Olhas agora com olhos novos esses dedos que acabaram de passar as contas do quarto mistério gozoso. Esses dedos e todo o teu corpo são santos. A Vida Divina fez de ti um templo, um templo onde se renova, todos os dias, o mistério da Apresentação...

«Caridade! palavra salvadora, pois que nela se concentram todas as forças, todas as luzes, que transforma a vida e a alma, que quer dizer: amor; e só o amor durará eternamente. É preciso fazermos o trabalho de todos os dias, sem nos preocuparmos do partido que Deus tirará dele.

Para nós o trabalho, o sacrifício, o dom de nós mesmos.

A Deus a acção próxima ou longínqua que exercerá sobre outras almas a melhor de nossas acções, o mais insignificante pensamento.

Nada se perde, e é esta união estreita, esta solidariedade de boras e de orações que constitui a admirável e abençoada Comunhão dos Santos.»

ELISABETH LESEUR

Rezemos, com o Papa, pelo Concílio Ecuménico

“O Concílio Ecuménico constituirá uma manifestação ampla e excepcional da catolicidade do Mundo todo. O que vem acontecendo, demonstra bem, que o Senhor fecunda, com a Sua graça, este salutar projecto. A ideia do Concílio não é fruto de longas considerações, mas, sim, flor espontânea duma Primavera inesperada

«Com a graça de Deus reuniremos o Concílio; esperamos prepará-lo, tendo em conta a necessidade de reforçar e revigorar a união da família católica, segundo a vontade do Senhor. Em seguida, realizada esta laboriosa tarefa e, no plano humano, eliminados os obstáculos que impedem um caminhar rápido, apresentaremos a Igreja em todo o seu esplendor, «sine macula et sine ruga», e diremos aos que estão separados de nós, ortodoxos, protestantes, etc.:

«Vinde, irmãos, eis a Igreja de Cristo. Procurámos ser-lhe fiéis e pedimos ao Senhor a graça de ela continuar sempre, como Ele a quis. Vinde: está aberto o caminho do encontro, o caminho do regresso. Vinde ocupar ou reocupar o vosso lugar que, para muitos vós, foi já de vossos pais.

«Oh! que alegria e que prosperidade, mesmo na ordem cívica e social, não é lícito esperar, para todo o Mundo, da paz religiosa e da reconstituição da família cristã!»

João XXIII

(Discurso à Acção Católica Italiana).

COLOCADO no mundo por Deus, deslocado na ordem por si mesmo, o homem encontra-se envolto numa misteriosa existência. Pensa, medita e chega à conclusão, de que deve procurar fora da própria pessoa, a sua explicação.

A VIDA E ANOS

Quando atinge este ponto, tem ele dado um passo grandioso, na obra da sua realização, visto ter-se lançado para fora de si, ter procurado o seu encaixe, num maquinismo que explique a sua razão de ser. Com maravilha, verifica que, no momento em que se lançou na vida da fé, melhor, no momento, em que a luz da fé o iluminou, — fé que, apesar de obscura, é o farol mais potente a iluminar-nos, por ser conhecimento firmado em Deus —, nesse momento encontrou repouso, descansou.

Apesar da fé, a vida humana permanece um mistério, por outras palavras, a vida humana é toda ela feita de mistérios que se sucedem ininterruptamente. O homem tem razão, quando procura desvendá-los, quando procura a sua explicação. Todos somos levados a inquirir e, de facto, todos inquirimos. Para que essa inquirição seja frutuosa, devemos procurar uma luz que façamos incidir sobre o mistério da nossa existência. A nosso ver, essa luz pode ser-nos dada, por Maria.

As linhas que vão seguir-se tentam iluminar o mistério da existência humana, por Maria. Descrever-se-ão as várias fases da vida do homem, e procurar-se-á mostrar o significado que cada uma delas deve tomar, significado obtido, na vida de Maria. Esperamos, confiadamente, que não seja explicar o mais fácil, pelo mais difícil, ou o claro, pelo obscuro. Se estas linhas não alcançarem o fim proposto, dignem-se a Virgem Imaculada supri-las, dando à nossa inteligência luz e à vontade força, para a podermos imitar, podermos, conseqüentemente, explicar a nossa vida, pela Sua.

* * *

A entrada de Maria na História, não é um facto inesperado, uma surpresa que a humanidade recebe. Desde há muitos séculos — há tantos quantos os decorridos entre a promessa do Salvador e o Seu aparecimento, desde há muitos séculos, que a figura de Maria se desenhava, que a Sua presença, em imagem, acompanhava o

E MARIA S A V I D A

desenrolar dos séculos, o progredir da História. No livro do Génesis, que é o primeiro da Sagrada Escritura, aparece descrita a figura da vencedora. Simultâneamente, com a vitória de Cristo, está ali predita, também, a Sua vitória, sobre o demónio. No século VIII

A. C. junta-se à figura da vencedora uma imagem mais humana, se quisermos, mas, sobretudo, mais terna, mais querida, mais misteriosa e, por isso mesmo, mais atraente: a imagem da Virgem que será Mãe.

O Génesis mostra-nos uma lutadora, uma heroína, uma espécie de amazona. Isaías, na sua linguagem polida de bom aristocrata, pinta-no-La, sob as cores suaves duma nobre donzela, íntegra, e que conserva a sua integridade dando à luz. Um contemporâneo de Isaías, o profeta Miqueias, completa a informação, por ele dada, ao determinar a natureza do Filho que Ela dará à luz: será o Messias.

Deus introduziu, desta forma, na História, no tempo, uma imagem de Maria que prepara a alma, a aceitar, sem dificuldade, a realidade, pois cria nela uma tendência cheia de esperança, para aquilo que estava prenunciado e, tal como estava prenunciado.

Quis o Espírito Santo conservar no silêncio, no mistério, o momento em que Maria entrou, corporalmente, no curso da História, o que, em nada, prejudica o quadro de beleza e de esperança que o Antigo Testamento oferece de Maria. É Ela, com o Seu nascimento e Sua vida, que coloca o ponto final, à História Antiga e que introduz, no mundo, a era nova. É Ela o elo de ligação do antigo e do novo: se, por um lado, Ela mostra a continuidade existente, entre um e outro, por outro lado, Ela perfaz um e começa o outro. Podemos ver Maria, no centro da História, dividida em dois capítulos: Ela escreve o último parágrafo do capítulo segundo; no último parágrafo, escreve Ela a última esperança certa da salvação futura; no primeiro, redige o que a Ela se refere, na obra da salvação presente. O sentido histórico da existência de Maria parece residir, precisamente, neste aspecto de finalizadora e de iniciadora, aspecto que, aliás, está perfeitamente de acordo com dois dos seus privilégios: um, o da Imaculada,

que no-La arrebatada ao tempo presente, para A colocar no princípio do tempo; o outro, o de Assumpta, coloca-A já, no começo da época futura da humanidade. Ambos os privilégios são: um, o último concedido por Deus, em tal ordem, e o segundo, o primeiro concedido por Deus na sua ordem. Maria é fim e é começo. A Imaculada Conceição e a Assunção são igualmente fim e começo. Maria faz deste modo a aproximação, a síntese, o resumo de todo o tempo histórico, pois que Ela nos faz subir, até ao período anterior ao da catástrofe adamítica e nos aproxima do estado terminal, derradeiro, para o qual se dirige toda a criatura. Ela é o espelho dos insondáveis mistérios do começo e do fim. Ela, é, também o espelho, onde se reflectem os vários estados da vida do homem, as diversas idades e as várias fases, por que passa essa vida.

Entre estes dois mistérios da vida de Maria, temos de colocar o relato da sua permanência, neste mundo, e mostrar quais os factos que com Ela são ligados. Ao contemplar Maria presente na terra, dá-me vontade de Lhe aplicar as reflexões escritas por Renan,, no seu caderno de viagem, ao contemplar extasiado o lago que existia, não muito longe da pequenina aldeia de Nazaré, o lago de Genesaré: «Azul incomparável das águas. Sua transparência. Limpeza das margens. Nada destas indecisões, entre terra e céu. Nada de lodoso». Figura bem determinada, firmemente delimitada, caramente fixa.

* * *

É esta figura que o Evangelista S. Lucas nos apresenta. Ele, o historiador cuidadoso, apresenta-nos Maria e determinada com precisão: determinada, quanto ao tempo e quanto ao lugar. Apesar disso, apesar de A mostrar, como sendo da nossa linhagem, da nossa raça, S. Lucas apresenta-no-la, na função que Ela há-de exercer, pelos séculos fora: levantar a terra ao Céu, para que o Céu se incline sobre a terra. O colóquio de Gabriel com Maria dá a Maria a razão principal da sua existência: «Ecce concipies Jesum».

A Anunciação é o primeiro facto da existência humana de Maria, que nos é dado conhecer. Até ao momento, em que Ela se dá, reina o silêncio, domina o mistério.

Depois da Anunciação, Maria nada mais tem a fazer, do que seguir, pelo caminho indicado: gerar Cristo, ser Mãe de Deus.

Afirmar-Se como mãe, como mulher perfeita, que só está contente, quando se dá, que só queda e esmorece, quando não pode dar-se. Maria dá-Se também, dá-Se toda, entrega-Se, integralmente, Àquele que, por Ela, veio a nós. Deste modo, coloca Ela, verdadeiramente, o ponto final, à História Antiga e escreve a primeira letra da História Nova; marca, por assim dizer, o meio da História.

A divina maternidade dá-Lhe jus a Ela ser colocada à testa do coro das mães: estas, com efeito, vivem para os seus filhos, estão, parcialmente, nos seus filhos, quer carnal, quer, sobretudo, afectivamente. Maria está inteira, no Seu Filho, porque toda Ela, nada mais é e nada mais faz, do que viver para o Seu Filho, viver de Seu Filho. A maior glória que Ela tem é esta, precisamente, que A torna perfeita aos olhos dos homens — é Mãe; que A torna objecto da maior admiração — é Mãe de Deus.

Recebeu um chamamento para ser Mãe. Depois a Virgem nada mais fez, do que mostrar-Se Mãe, viver como Mãe que, em Jerusalém, pergunta a Jesus, por que motivo ficara no Templo; é como Mãe, que A encontramos nas Bodas de Caná; é como Mãe, que Ela está de pé junto da Cruz; é ainda como Mãe, que Se junta aos Apóstolos no Cenáculo; é, finalmente, como Mãe, que Ela parte com S. João: «et accepit eam discipulus in sua».

J. M. L.

(Continua)

Jesus devia à sua santidade infinita o nascer de Mãe sem mácula. Ele, «que descobre argueiros nos próprios anjos», e «só está bem entre lírios», poderia acaso consentir em tomar a sua carne de uma carne que já o pecado alguma hora tivesse manchado? Quem será capaz de o acreditar?

Razão tinha aquela protestante convertida, que dizia: «Até a simples suposição de uma falta em Maria me parecia ir cair sobre Jesus Cristo como um ultraje, Ele de quem a Senhora tem todas as perfeições, e que não se envergonhou de Lhe chamar sua Mãe».

P. PLUS

CAMINHOS DE LUZ

A LUZ DA INFÂNCIA

*N*ÃO sei se sabias que a infância é uma luz. Luz de uma clareza única, nas ondas da vida. Sabes, do Evangelho, que Cristo nasceu criança. Por muitos motivos: para seguir o curso normal da natureza humana que assumiu; para nos atrair e conquistar (as crianças entram no coração da gente); para nos ensinar a humildade e o desprendimento, que uma criança tem dependências e limites que um orgulhoso não suportará. Talvez, também, porque a infância é um programa e um caminho de luz; — que o diga Santa Teresinha, que lhe não fugia do sentido essa paixão da pequenez. Se as crianças vão direitinhas ao coração das pessoas, que dizer do coração de Deus, que desceu ao nosso meio, só para nos ter mais perto do d'Ele?

O que as crianças nos ensinam? Anda comigo vê-los, daqui, desta janela que dá para a rua. Jogam à «batalha». Estou a ver o da bandeira branca, preparado, para qualquer emergência. Ao primeiro incidente, a bandeira da paz será levantada e todas as hostilidades se esquecem. A ideia vem, num livro recente, mas a tua experiência e a minha já o sabiam.

As crianças quando acordam, já se não lembram das brigas de ontem à tarde, nem das ameaças que fizeram e das vinganças que prometeram. A noite tudo lhes levou e todos os seus dias começam, de novo, na madrugada. Dizem as «ciências» que o sol nunca repete as caminhos do seu andar. A sua trajectória é sempre uma renovação. São assim os dias da criança. Que os teus dias fossem assim, e tu não saberias daquele tédio que faz da tua vida um castigo e daqueles ressentimentos velhos que se apegaram à tua alma, como musgo à fraga.

Para as crianças, todas as coisas chegam ao seu mundo, com a pureza original. Elas não sabem dos sentidos duplos, das intenções inconfessáveis e das reticências que turvam a beleza das coisas. Não, não é só a sua despreocupação e aquele ar, sem cuidados, que nelas nos atrai. É, sobretudo, a limpidez da sua alma, sem sombras, nem malícia, que cria, em nós, a saudade do paraíso perdido. Não

há dúvida, de que há qualquer coisa do céu, na alma de uma criança. Eu bem sei que a pureza que nós queremos para a vida, não pode ser já essa candura espontânea que brota da infância, como água da fonte, sem canseiras nem cuidados. A tua pureza terá que ser uma virtude que hás-de conquistar, à força, só Deus sabe de quantos recomeços e de quanta preseverança. Mas já reparaste, como o sol brilha, depois das noites de Inverno? A cor que a aldeia tem quando as chuvadas se vão!

Queria ainda que Urteaga te ensinasse, como me ensinou a mim, outro rasto luminoso que só as crianças conhecem.

Dois ciganitos de um bairro qualquer. Dá cinco anos a um, ao outro dez. Aí vem o mais velho, com um púcaro de leite na mão.

— Senta-te. Primeiro bebo eu e depois bebes tu.

E o mais velho leva o púcaro à boca, faz que bebe, demora o púcaro, nos lábios, mas nem uma gota deixou entrar na boca.

— Agora é a tua vez. Só um pouco.

E o mais novito sorve o mais que pode.

— Agora eu.

— Agora tu.

— Agora eu.

Sete, oito vezes.

No fim, o mais novito tinha bebido o púcaro inteiro.

Tu sabes tão bem, como eu, as delicadezas e a generosidade que uma alma de criança consegue albergar.

Se deixares este mundo da criança e entrares no mundo dos homens, hás-de sentir-te arripiar e um pouco daquele frio que o poeta dizia sentir, quando pensava na vida e olhava para o mundo. Uma cortina de 6.000 km separa o Ocidente de Leste — uma cortina de ferro a separar um mundo de irmãos. Ambições e ódios, extermínios tirânicos esmagam o fraco e cavam fronteiras, num mundo de irmãos. Quarenta milhões de pessoas, morrendo, anualmente, à fome, às portas de um mundo que regorgita de riqueza e bem-estar. Não; este não pode ser o mundo que Deus criou. Não te deixes prender, nas suas malhas. Se o mundo de Pinóquio e da Branca de Neve são uma fantasia de que não está ao teu alcance, a sua alma aberta e pura, irmã de todos e de todos amiga, tem que ser um programa para ti, se queres ser cristão.

I

O que é um Concílio e suas espécies

UM concílio é uma reunião ou assembleia. Todos conhecemos nas nossas terras várias espécies delas: na vossa freguesia ou no lugar onde vivemos há as reuniões da Direcção da Casa do Povo, reunião da Junta da Freguesia, reunião da Assembleia Geral da Sociedade Recreativa e mais reunião disto e reunião daquilo, para esta coisa e para aquela. Na sede do vosso concelho há as reuniões da Câmara do Conselho Municipal para tratar dos problemas importantes do Conselho e seus habitantes. Na capital da Nação, o Conselho de Ministros reúne-se, várias vezes, para apreciar e decidir sobre os negócios mais graves da Nação.

Na Santa Igreja a que pertencemos por graça de Deus, há também reuniões para nelas se tratar dos problemas da salvação das nossas almas. São os concílios. Numa diocese, reúnem-se, às vezes, os sacerdotes, com o Senhor Bispo para estudar, em conjunto, a situação religiosa das freguesias e tomar medidas para remediar alguns males que, por ventura, existam e para activar a vida cristã: são os concílios diocesanos, mais conhecidos pelo nome de Sínodos diocesanos. Assim, há cerca de dois anos, ouvimos falar do Sínodo de Roma e, entre nós, do Sínodo Bracarense de 1918 e do de Coimbra, em 1923.

Outras vezes, são os Senhores Bispos duma nação que acham bem reunir-se para deliberar sobre assuntos refe-

rentes à vida cristã de todo o país — temos, então, os concílios plenários ou os concílios provinciais, se dizem respeito a um número reduzido de dioceses que formam uma província eclesiástica.

Como exemplo de concílio plenário recordemos o Concílio Plenário Português, realizado de 24 de Novembro a 3 de Dezembro de 1926, no qual tomaram parte quase todos os Bispos do Continente e Ultramar e donde saíram normas tão auspiciosas para o fortalecimento do ideal cristão do clero e dos fiéis, depois dos anos difíceis por que a Igreja teve de passar desde o advento do liberalismo e da maçonaria e, particularmente, desde o começo da república.

Finalmente, reúnem-se, às vezes, os Bispos de todo o mundo para, sob a direcção do Sumo Pontífice, deliberar sobre assuntos importantes para toda a Igreja: — são estes os chamados concílios ecuménicos; **ecuménico**, palavra que vem do grego e significa **universal**.

É, a propósito do próximo Concílio Ecuménico, que vai realizar-se no Vaticano, a partir do dia 11 de Outubro deste ano, que nós vamos escrever.



Antes de mais, importa saber o motivo por que se reúnem os Senhores Bispos de todo o mundo e por que todos os cristãos devem atender àquilo que eles nos disserem nesses concílios. É uma curiosidade legítima — não só legítima, mas necessária. A satisfação desta curiosidade leva-nos ao início da Igreja.

Foi o Senhor quem quis e fundou a Igreja — sociedade dos fiéis, isto é, de todos aqueles que têm e vivem da fé, que crêem n'Ele e O seguem como chefe.

Ora, quis, também, o Senhor que, subindo Ele ao Céu, onde «está sentado à direita de Deus Pai», os seus fiéis continuassem a ser guiados por um chefe visível, o seu vigário na terra. Sabemos como o Senhor manifestou esta vontade; di-lo S. Mateus no Capítulo XVI do seu Evangelho. Recordemo-lo:

«Naquele tempo (pouco depois do milagre da 2.^a multiplicação dos pães) veio Jesus das bandas de Cesareia de Filipe e perguntou a seus discípulos:

— Quem dizem os homens que sou Eu? Eles responderam:

— Uns dizem que és João Baptista, outros Elias e ainda outros que Jeremias ou um dos profetas.

Diz-lhes Jesus:

— E vós, quem dizeis vós que Eu sou?

Respondeu Simão Pedro:

— Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.

Disse-lhe Jesus:

— Benaventurado és tu, Simão, filho de Jona, porque não foram a carne nem o sangue que to revelaram, mas o meu Pai que está nos Céus. E Eu te digo:

— Tu és Pedro (= pedra) e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Dar-te-ei as chaves do reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos Céus e o que, desligares na terra será desligado nos Céus».

Assim, constituiu Jesus Cristo a S. Pedro como Vigário na terra, como Chefe da Igreja por Ele fundada. Além de Pedro, porém, escolheu o Senhor outros Apóstolos.

P. A.

(Continua)

Graças da Rainha do Mundo

A MEDALHA MILAGROSA

SOU UM HOMEM HONESTO

NUM hospital de Paris, encontrava-se um soldado que expectorava sangue, havia seis meses, e que estava ameaçado de morte próxima. Era um homem de costumes pouco cristãos; há vinte anos que levava a vida mais escandalosa e não dava nenhum sinal de religião. A Irmã encarregada da sala, vendo que ele enfranquecia cada vez mais, procurou ver se ele se confessava. Porém, respondeu-lhe:

— Minha Irmã, sou um homem honesto; não matei, não roubei, por isso, não tenho necessidade de confissão.

— Sem se matar, nem roubar, pode ter-se necessidade da misericórdia divina, disse a Irmã.

— Peço-lhe, minha Irmã, — diz o doente — que me deixe sossegado; não quero confessar-me.

Entretanto, o perigo tornava-se maior; avisou-se um sacerdote da paróquia, que se apressou a vir junto do doente. Tentativa inútil... recusou obstinadamente confessar-se.

A Irmã, desolada, ao vê-lo prestes a comparecer diante de Deus, com tão más disposições, não podendo obter nada, voltou-se para o Céu; meteu, secretamente, debaixo do travesseiro do moribundo, a Medalha Milagrosa e pediu, ardentemente, à Santíssima Virgem que tocasse no coração endurecido do peccador. No dia seguinte, a Irmã encontrou o doente mais tranquilo e perguntou-lhe como tinha passado a noite.

— Muito bem, minha Irmã, respondeu ele; dormi muito bem, o que já não fazia há muito tempo, e sinto-me melhor.

E, como a Irmã se retirasse, chama-a e diz-lhe: — Minha Irmã, quero confessar-me; chame o sacerdote. Quando acabou a sua confissão, a Irmã mostrou-lhe a medalha que tinha colocado debaixo do travesseiro. Pegou nela, beijou-a, com respeito e afeição, exclamando:

— Foi ela a causa da minha salvação; quero que a prendam na lapela, ao lado da minha condecoração.

E como a Irmã a colocasse,

de maneira a ser pouco vista, disse:

— Oh! não a esconda, minha Irmã; ponha-a ao lado da minha condecoração; não me envergonharei de a mostrar.

Alguns instantes depois, trouxeram-lhe o Santo Viático. À vista do Santíssimo Sacramento, ficou tão comovido e impressionado, que pediu, em voz alta, perdão a Deus, dos pecados da sua vida passada. Viveu ainda dois dias, e, depois de ter recebido a Extrema-Unção, morreu, com os maiores sentimentos de fé, de piedade e de contrição.

EM TURIM; NOSSA SENHORA DA MEDALHA MILAGROSA PROTEGE DUAS CRIANÇAS

Uma filha da Caridade de Turim conta os dois factos seguintes:

Um pequenino, apenas com 27 meses de idade, filho duma nossa vizinha, brincava com o gato, num terraço que dava para o pátio da entrada. De repente, o gato salta para cima do rebordo de pedra que veda o terraço; e a criança, querendo apanhá-lo, precipita-se de uma altura de 4 metros e 75 centímetros. A pobre mãe só teve tempo de exclamar: «Santíssima Virgem, meu filho matou-se! E desce depressa, certa de que o ia encontrar morto. Porém, qual não foi a

sua alegria, ao ver o pequenino são e salvo, avançar para ela, muito contente, estendendo-lhe os braços... Todos os vizinhos acorreram, gritando: «Milagre, Milagre!»

Esta criança trazia sempre a sua Medalha. Os pais tinham feito essa promessa aos pés de Maria.

* * *

Outra criança protegida pela Santíssima Virgem, filhinha do nosso farmacêutico, tinha 5 anos de idade. Ajudava o criado dos pais a retirar do terraço vasos de flores, para os preservar da tempestade, quando, ao curvar-se bruscamente, sobre uma planta espinhosa, espetou um espinho no olho direito. Apesar de todos os cuidados que lhe foram prestados, tinha-se quase a certeza de que ficaria cega. Dei coragem à mãe desolada, para pôr toda a sua confiança na Santíssima Virgem e prometi começar uma novena, com as crianças do Asilo, a Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. No terceiro dia, as dores, que até então tinham sido intensas, acalmaram um pouco; e, no sétimo dia, os médicos puderam verificar grandes melhoras que davam esperança da criança ficar a ver. Com efeito, a cura foi completa.

Irmã B.

Filha da Caridade

Nas Pegadas dos Mártires

Santa Tecla

A santidade é um atributo divino. Os santos deste mundo são, pois, um sinal de Deus, na terra. São Deus, a viver no mundo. Todo o homem que não é santo, é, por conseguinte, de alguma maneira, um assassino da vida divina. Não penses que a santidade é uma coisa que se pode ter, ou não, com as mesmas consequências, ou que a ela se pode fugir, sem compromisso. Recusar-se a ser santo, implica sempre uma opção. «Quem não é por mim, é contra mim». Não ser santo é alistar-se contra Deus.

Deus conduz os seus santos, segundo desígnios que transcendem a nossa visão. Às vezes, é vê-los, como que abandonados, entregues a dores e sofrimentos que não compreendemos nem toleramos. Outras vezes são maravilhas e factos extraordinários que se multiplicam, sublinhando a presença de Deus e a sua intervenção miraculosa. Não penses, que estes são mais numerosos, que os primeiros, ou que a sua santidade é mais válida e mais fecunda. Se o martiriolégio insiste nestes últimos, é que foram estes últimos que mais chocaram o mundo e, por ventura, mais influíram, no andar da história da Igreja.

Mas da hierarquia da preferência, no reino da glória, só Deus poderá falar.

Fiz-te esta advertência porque a mártir de que hoje te quero falar, é precisamente uma dessas, de que Deus mais se serviu, para prodigalizar as suas graças. Não te esqueças que, mais que os milagres, que acompanharam o seu martírio, impressionam a fidelidade e a coragem da santa. Impressionam, e são uma aberta para ti,

S. Paulo tinha a paixão das distâncias. Não era fome de mundos, ou gosto das novidades, mas fome das gentes e consciência da graça. O Evangelho que trazia no coração, não se resignava aos limites cómodos da sua terra natal e pedia-lhe o mundo inteiro. Foi solicitado por este peregrinar, que, um dia, lá foi bater às terras da Antioquia. Eram terras novas para ele, mas ele é que não era totalmente novo para elas, que já Tito dele falara, nesses climas orientais. Foi por isso que, mal a sua chegada foi sabida, na cidade, logo um homem de bem, chamado Onesíforo, se apresentou para o receber e hospedar. Mas Paulo não era homem para descansar, ou para se acomodar, em convites de cortesia. E aproveitava da hospedagem, para aí estabelecer seu campo de apostolado. Oração, pregações, instrução — o dia todo ocupado.

Quem se não cansava de o ouvir, era uma menina de uma casa vizinha, a cuja janela as prédicas dos apóstolo chegaram. Chamava-se Tecla e estava noiva. Deixou-se impressionar e convencer, pela novidade e beleza daquela doutrina. Como o Evangelho não é coisa que se possa ouvir, sem se cumprir e sem se orientar a vida, pelas suas normas, Tecla, em pouco tempo, era outra, e a mãe, apreensiva, preveniu o noivo. O noivo ficou contristado e repreendeu-a. Que não era bonito deixar-se levar assim, à primeira, pelas palavras de um forasteiro. Não era bonito, nem decente. Mas era tarde demais. Tecla

tinha já compreendido a riqueza da graça de Deus e já ninguém lhe arrancaria tesouro tão providencialmente encontrado.

Foi presa e preso foi Paulo também que viera lançar o desassossego, naquela família. O juiz ouviu as acusações, tomou notas, carregou o semblante e vede a sentença: Paulo, condenado a ser apedrejado e expulso da cidade. Era estrangeiro e, demais a mais, cidadão romano, bom era ser benévolo. Tecla, porém, era um caso diferente. Era da terra, o exemplo podia ser contagioso, e era preciso que estes casos não proliferassem. E foi condenada a ser queimada viva.

Tecla não se perturbou e ela mesma avançou, direita, para as chamas. Ainda ela lá não tinha chegado e já uma chuva torrencial, caída, inesperadamente, do céu, tinha apagado a fogueira. Depois, foi um terramoto violento que

causou a morte a muitos e os demais fugiram espavoridos e aterrados. E foi assim que Tecla ficou de novo em liberdade.

Condenaram-na, mais tarde, a ser devorada pelas feras, no circo. Mas Deus é que tinha disposto as coisas, de outra maneira. A primeira fera que entrou, esquecendo-se da sua missão e do seu instinto, ali se quedou, à beira da santa, a lambê-lhe os pés e a proteger-lhe a fragilidade. Chegou depois um leão, que não vinha resolvido a condescendências. Outra fera, porém, lançou-se a ele e aquela luta feroz acabou pela morte de ambos.

Depois de ter convertido muitos infiéis, com o seu proceder e as suas exortações, retirou-se Tecla para a solidão, e aí veio a descansar na paz de Deus.

T. N.

Apesar dos sofrimentos do corpo e da alma, a vida traz alegrias inefáveis, rápidos relâmpagos que deixam entrever o que será a alegria suprema.

Esses clarões abençoados não podem, porém, ser a própria vida.

*A vida é o esforço,
o trabalho contínuo e forte,
o dever aceite e cumprido,
a conquista heroica do corpo, pela alma,
a calma que nada perturba,
o olhar fixo em Deus.*

É a caridade, tomando, pouco a pouco, posse da creatura, e afastando tudo o que não é dela, tudo o que não é amor.

ELISABETH LESEUR

Quer inscrever-se no nosso Movimento?

QUER viver no aconchego maternal do Coração Imaculado de Maria? Quer dar uma resposta ao pedido de Nossa Senhora em Fátima quando disse: «Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração»?...

Pois bem, inscreva-se no **«Movimento dos apóstolos e apóstolas do Coração Imaculado de Maria para a difusão da mensagem de Fátima»**.

Este movimento pretende, numa organização toda espiritual, sem bandeira nem distintivo, congregar e unir à volta do Coração vivo e glorioso da Mãe de Deus e Rainha do céu todas as almas de boa vontade que sonham com o ideal de pôr a vida ao Seu serviço, consagrando-se por inteiro a Ela, em resposta à mensagem de Fátima, a fim de melhor servir a Santa Igreja, cada um conforme a sua condição e vida.

Quem enfileira neste movimento compromete-se a:

- 1) Consagrar-se totalmente ao Imaculado Coração de Maria e levar os outros a fazer o mesmo.
- 2) Guardar e defender com ciúme santo a graça baptismal, alimentando-a frequentemente com os sacramentos de modo a ser, como Maria, sacrário vivo do Espírito Santo.

- 3) Lutar até ao martírio pela pureza de corpo e de alma, em si e nos outros, e seguindo sempre, sobretudo no vestir e nos passatempos, as regras do pudor e da decência cristã.
- 4) Encher a vida de oração reparadora, em particular por meio dos 15 mistérios do Rosário, diàriamente recitados e meditados.
- 5) Dar-se a toda a sorte de apostolado dentro das condições de vida e segundo a manifestação da santíssima Vontade de Deus à própria consciência.
- 6) Difundir o movimento e atrair a ele o maior número de almas possível.
- 7) Assinar a revista do movimento: **«Ao serviço da Rainha do mundo»**.

Este movimento está mais que aprovado pela Hierarquia como sendo um dos mais preciosos e eficazes auxiliares da A. C. e a «resposta mais adequada à mensagem de Fátima». É tido ainda como uma das melhores formas de «realizar eficazmente a campanha da pureza» tão pedida e recomendada pela Santa Sé.

...Peça informações aos Secretários do Movimento.

BIBLIOTECA
Geral da Universidade

2 MAR 1952

SIMBIA



Qual é precisamente a mensagem de Fátima?...

Creio que poderia resumir-se nestes termos: a revelação do Imaculado Coração de Maria ao mundo actual.

(Palavras de S. Eminência o Senhor Cardeal Patriarca)